



# O QUE EXISTE DE NOVIDADE?

Muitas pesquisas têm avançado quando o assunto é prevenção e combate dessas doenças

**N**as últimas décadas, muito foi descoberto a respeito de doenças neurodegenerativas. Por serem altamente prevalentes, tanto a doença de Parkinson quanto a doença de Alzheimer foram algumas das principais investigadas pelos estudiosos.

“Estes estudos já proporcionaram um bom esclarecimento das bases genéticas destas doenças, o que constitui um excelente ponto de partida para o desenvolvimento de novos agentes terapêuticos e, inclusive, para terapia gênica, que parece muito promissora para um futuro não tão distante”, conta o neurocirurgião Mateus Dal Fabbro, do Hospital São Francisco de Mogi Guaçu.

É conhecido que os exercícios físicos ao longo de toda a vida são uma forma eficaz de combate a muitas doenças e é nesse caminho que as pesquisas sobre Alzheimer

estão apostando. Segundo a geriatra Silvia Lagrotta, entre os estudos mais recentes, os que mais se destacaram foram referentes aos benefícios da prática regular de atividades físicas e o prognóstico com melhor qualidade de vida.

## Irisina

Quando falamos na relação da atividade física com a prevenção e combate ao Alzheimer, já não podemos deixar de mencionar o hormônio irisina, descoberto há sete anos por um pesquisador da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e que têm apresentado novos resultados nas mãos de Fernanda de Felice e Mychael Lourenço, pesquisadores da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Por meio de pesquisas em parceria com outras universidades ao redor do mundo, feitas com camundongos, eles perceberam

que existe uma relação entre a perda de memória e os níveis de irisina presentes no organismo.

Quanto mais baixo o nível de irisina no cérebro, maior o déficit de memória. Foi descoberto que, repondo os níveis desse hormônio nos camundongos, é possível reverter o quadro de perda de memória que caracteriza o Alzheimer.

E como é possível repor a irisina no cérebro? Esse é um dos pontos chave na pesquisa dos brasileiros: possivelmente, por meio de exercícios físicos.

“O Alzheimer é apenas uma doença dentre as diversas outras que causam perda da memória, assim como alterações de comportamento”, afirma o neurocirurgião José Eduardo Souza Dias Junior, da DaVita Serviços Médicos. Ou seja, talvez a ciência esteja no caminho para tratar, não somente a perda de memória causada pelo Alzheimer, mas, também, muitas outras doenças com o mesmo sintoma.

Por enquanto, os testes foram feitos somente em camundongos e há possibilidade de não apresentar os mesmos resultados quando testada em humanos.

## DBS

Assim como os estudos para a cura do Alzheimer têm se desenvolvido, as pesquisas sobre Parkinson também estão em avanço. Uma das novidades em possibilidades de tratamento é a chamada *Deep Brain Stimulation* (DBS), estimulação cerebral profunda, na tradução literal.

Esse método consiste na colocação de eletrodos na re-

gião do cérebro que é responsável por modular as transmissões nervosas relacionadas ao sistema dopaminérgico.

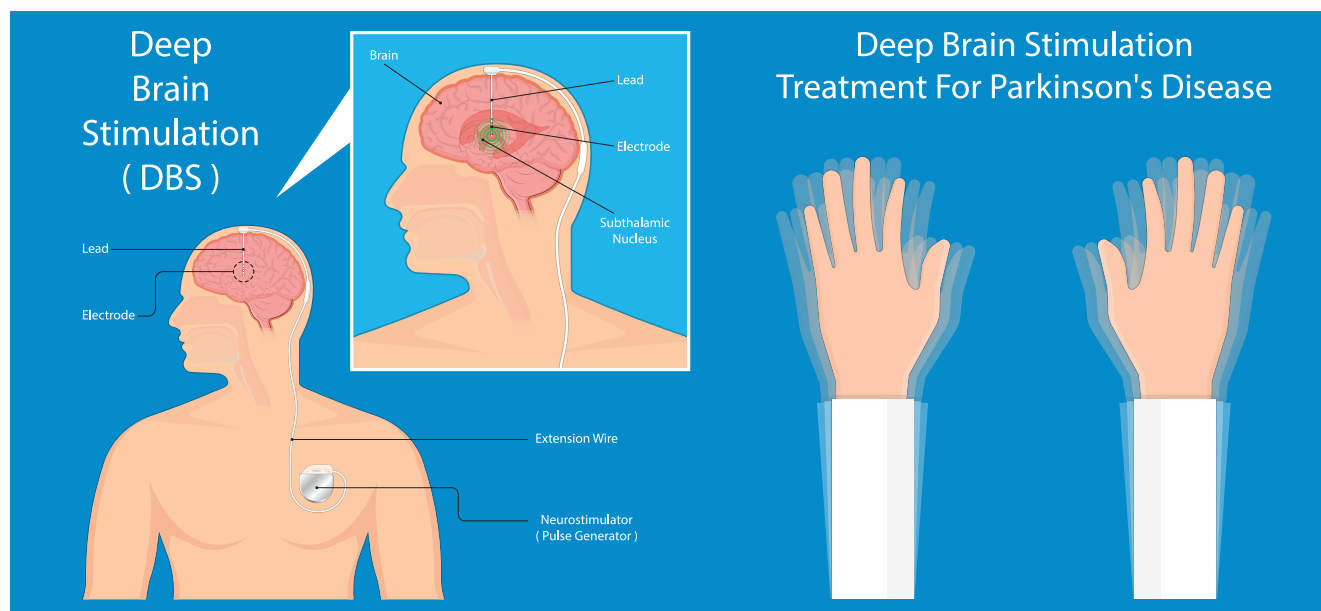
Esses eletrodos funcionam como uma espécie de marca passo e são inseridos no paciente por meio de cirurgia. Porém, é importante lembrar que essa é apenas uma possibilidade de tratamento e não a cura.

Além disso, não é um tratamento isolado. O uso dos medicamentos e de uma equipe médica especializada continua sendo indispensável no tratamento de toda e qualquer doença neurodegenerativa, como Parkinson.

Apesar de não ser a cura, existem pesquisadores otimistas com as novas descobertas a respeito das duas doenças. Mas, antes de haver método de cura, é necessário muito estudo a respeito de suas causas, a forma como se desenvolvem, a quem afetam e se apresentam fatores de risco por hereditariedade.

“Os estudos focam na cascata de eventos que levam ao desenvolvimento da doença. Desde um gene a uma exposição a algo. Investigam quais são os facilitadores dessa degeneração, se existe alguma substância que, retirada ou aumentada do microambiente dos neurônios, pode levar à uma menor morte das células cerebrais”, explica Luiza Gonzaga Piovesana, neurologista do Residencial Sênior Terça da Serra, rede de clínicas para idosos.

Acompanhando as pesquisas que surgem e sempre consultando os médicos sobre novas possibilidades de tratamento, é possível proporcionar mais qualidade de vida e suporte aos pacientes com Parkinson e Alzheimer.



CONSULTORIA José Eduardo Souza Dias Junior, neurocirurgião; Luiza Gonzaga Piovesana, neurologista; Mateus Dal Fabbro, neurocirurgião; Sílvia Lagrotta, geriatra  
FOTOS Shutterstock Images